

Paranoia: uma reflexão

Flávia Bernardi¹

Paula Chiapinotto Triches²

RESUMO

A psicanálise inaugurou uma nova perspectiva a respeito do psicótico ao afirmar que o delírio seria uma tentativa de cura do sujeito, e não apenas um desvio da razão, como era tido pela psiquiatria do século XIX. Partindo desse pressuposto, propomos pensar que, para além da estrutura psicótica, as manifestações paranoides podem surgir em qualquer estrutura. Com esse objetivo, realizamos uma retomada sobre a questão da paranoia na teoria freudiana, bem como sobre a estruturação do ego e a relação do sujeito com o outro. Ao final, apresentamos algumas considerações sobre a especificidade da dinâmica psíquica nessa patologia, a qual analisamos de uma forma mais abrangente.

Palavras-chave: Psicanálise. Paranoia. Eu. Realidade.

1 Membro pleno do Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre Serra (CEPdePA/Serra).

2 Membro associado do CEPdePA/Serra.

1 UM BREVE RELATO

Na psicanálise, o interesse pela paranoia está presente desde os primeiros trabalhos de Freud, que partiu dos conceitos definidos nos tratados de psiquiatria alemã da época (século XIX), essencialmente sob a influência de Emil Kraepelin. Por meio do discurso psiquiátrico, a *dementia paranoides* era definida como toda forma delirante que se desenvolvia como um sistema e que apresentava ideação persecutória, hipocondríaca, depressiva ou de grandeza. Porém, Freud não se restringiu aos aspectos descritivos da doença e, a partir da escuta de seus pacientes, desenvolveu uma compreensão da subjetividade que existe para além de uma caracterização diagnóstica. Assim, trilhando novos caminhos, o pai da psicanálise lançou hipóteses sobre o funcionamento psíquico paranoico, postulando que o delírio possui uma lógica e um sentido. Dessa forma, a psicanálise restituiu o lugar de sujeito a quem era tido apenas como “louco” ou “doente”.

A teoria psicanalítica inaugura uma nova perspectiva a respeito do psicótico, afirmando que o delírio seria uma tentativa de cura do sujeito, e não apenas algo fora do campo da representação, como era tido pela psiquiatria no século XIX. Atualmente, podemos ainda pensar que, para além da estrutura psicótica, as manifestações persecutórias podem surgir em qualquer estrutura psíquica, principalmente em momentos nos quais o eu esteja fragilizado ou ameaçado.

2 A PARANOIA NA TEORIA FREUDIANA

Retomaremos agora a análise sobre o desenvolvimento do conceito de paranoia na teoria freudiana, a fim de compreender como Freud elaborou questões relativas a essa “psicopatologia”. Para tanto, é importante destacar que, no decorrer de sua construção teórica, conforme a psicanálise se desenvolvia, Freud foi adicionando novas for-

mulações ao tema, na medida em que estabelecia novos pressupostos à sua compreensão.

Em seus escritos iniciais, ele já aborda a temática da paranoia e apresenta algumas ideias sobre o funcionamento psíquico ali implicado. É interessante destacar que cada compreensão apresentada por Freud necessita ser apreendida conforme o momento vigente da teoria. Assim, é importante revisitar os primeiros textos da obra de Freud com a compreensão de que, na época em que foram escritos, vigorava a “teoria da sedução”, segundo a qual a etiologia das psiconeuroses se devia a uma sedução real.

O primeiro texto que trata do assunto é “Rascunho H”, no qual Freud (1895b) propõe uma relação entre a neurose obsessiva e a paranoia, considerando ambas formas de defesa de um trauma. Assim: “[...] torna-se paranoico por coisas que não se tolera [...]” (FREUD, 1895b, p. 254). Nesse trabalho, Freud afirma que o sujeito, diante do trauma, pode se encaminhar para uma histeria, uma neurose obsessiva ou uma paranoia. Porém, com sua intensa busca por desvendar a subjetividade, o autor questiona: “[...] qual seria a peculiaridade da defesa paranoica?” (FREUD, 1895b, p. 255).

Na busca por preencher essa lacuna, Freud aponta algumas características do funcionamento paranoico que indicariam uma dinâmica mais primitiva do que as da histeria e da neurose obsessiva. Estaria em questão um psiquismo marcado pela intolerância e que projeta no exterior conteúdos não aceitos internamente: “Trata-se, pois, de um abuso do mecanismo da projeção para fins de defesa” (FREUD, 1895b, p. 256).

Segundo James Strachey³, é nesse texto que surge, pela primeira vez, o termo “projeção”, bem como sua formulação como um conceito psicanalítico. Nessa primeira definição do conceito, Freud (1895b, p. 256) explica que tal mecanismo de defesa é, normalmente, utiliza-

3 Informação publicada como nota explicativa no texto “Rascunho H” (FREUD, 1895b, p. 253).

do pelo aparelho psíquico; porém, na paranoia, ele é utilizado em excesso, ocasionando “[...] uma supervalorização daquilo que as pessoas sabem a nosso respeito e daquilo que as pessoas nos fizeram”.

Quase ao final do manuscrito, surge uma complementação sobre o funcionamento paranoico: o excesso de projeção acaba por gerar ideias delirantes, que podem ser ligadas a temas de perseguição ou de megalomania. Ou seja: o delírio como uma forma de validar a projeção e defender o sujeito. Para finalizar, Freud (1895b, p. 257) diz, como quem revela uma grande verdade que estava em segredo: “[...] essas pessoas amam seus delírios como amam a si mesmas”.

Um ano depois, em 1896, Freud escreve o “Rascunho K”, intitulando-o “As neuroses de defesa”. Nele, descreve a paranoia com um funcionamento muito próximo ao da neurose obsessiva; porém, o conteúdo recalçado não é a autocensura, e sim o desprazer. Um desprazer que o sujeito considera ter sido produzido pelo mundo externo, gerando forte desconfiança do outro. E, quando essas ideias são sistematizadas, formam o delírio, que, mesmo sendo uma tentativa de dar sentido a uma experiência avassaladora, sinaliza o fracasso das defesas e a presença de alterações no ego.

Em 1912, no artigo “Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (*dementia paranoides*), descrito com base em dados autobiográficos (caso Schreber)”, Freud aprofunda o tema da paranoia, constatando que o sujeito se defende de um desejo homossexual intolerável. Nesse célebre trabalho, ele afirma que o desejo homossexual foi a causa da paranoia de Schreber. Todavia, apesar da importância que dá à relação entre homossexualidade e paranoia, Freud entende que a fantasia homossexual expressa não significa uma escolha objetal homossexual, e sim a fixação narcísica do desenvolvimento libidinal.

Assim, entende-se que o sentido da homossexualidade na paranoia está relacionado com o fator constitutivo da formação do sujeito, no qual a libido sofreu uma fixação em um estágio entre o autoerotismo e o amor de objeto. Ele ainda destaca que essas tendências homos-

sexuais são importantes na constituição psíquica do sujeito e nunca serão deixadas de lado. Essa corrente homossexual tende a desviar a libido do objetivo sexual e passa a ser empregada na constituição dos laços sociais.

Essa fixação e posterior regressão da libido ao narcisismo produz a retirada do investimento nos objetos, sendo essa energia reinvestida no próprio eu. Freud diz que, paralelamente ao investimento narcísico, não é raro surgirem ideias de fim do mundo e grandes tragédias, que expressam esse desinvestimento pulsional no âmbito externo. A partir desse momento, o paranoico reconstrói a realidade por meio do seu delírio. Baseado nessa lógica, Freud (1912, p. 614) afirma: “O que consideramos produção da doença, a formação do delírio, é, na realidade, a tentativa de cura, a reconstrução”.

Quase ao final desse que pode ser considerado o texto central da psicanálise sobre a paranoia, Freud afirma que nessa patologia ocorre uma relação alterada com o mundo. Ou seja, o sujeito paranoico percebe o mundo exterior, presta contas das suas transformações e é estimulado por ele; todavia, sua interpretação da realidade é feita “às pressas e sem esmero” (FREUD, 1912, p. 618).

No texto “Um caso de paranoia que contraria a teoria psicanalítica da doença”, de 1915, Freud questiona suas próprias formulações referentes à relação entre paranoia e fixação homossexual. No mesmo texto, ele desenvolve a ligação da paranoia com a cena primária e diz que o delírio paranoide é uma defesa à homossexualidade. Assim, traz a neurose à cena quando afirma: “Esses, portanto, são fenômenos de um avanço tentado a partir de um terreno novo [...] podemos colocar ao lado deles os esforços enviados em algumas neuroses para recuperar uma posição da libido que uma vez foi mantida e subsequentemente perdida [...]” (FREUD, 1915, p. 279).

No texto “Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranoia e no homossexualismo”, de 1922, Freud nos fala que esse “ciúme delirante” – essa paranoia – responde a uma homossexualidade latente

— forma clássica da paranoia. Ela seria uma tentativa de defesa contra uma tendência homossexual muito forte, que procura se circunscrever nesta conhecida fórmula, descrita por Freud (1912, p. 578): “Eu não o amo, quem o ama é ela”. Sabemos que a pessoa (do seu sexo) que o paranoico mais amava será aquela que, justamente, se transformará em perseguidor. Essa inversão afetiva dar-se-á por conta da ambivalência sempre presente do sentimento, ambivalência que presta ao “sujeito acochado” o mesmo trabalho: defende sua homossexualidade e nutre o seu ciúme delirante.

Nessa retomada das bases do conceito de paranoia na teoria psicanalítica, passamos pelos escritos considerados pré-psicanalíticos, pelo caso Schreber, considerado o maior trabalho de Freud sobre a psicose — em especial, sobre a paranoia —, e também por trabalhos desenvolvidos após a segunda tópica. Diante dos passos dados nesse percurso de revisitação aos textos, fica evidente o quanto as questões da clínica com pacientes psicóticos levaram Freud a desenvolver outros conceitos, como o narcisismo, em 1914, chegando a considerações que o conduziram à sua segunda teoria sobre o funcionamento psíquico e pulsional.

3 A CONSTITUIÇÃO DO EU

O eu, na teoria freudiana, é compreendido como uma parte diferenciada do id, que não está presente desde o início, precisando ser desenvolvido. Segundo José Luis Valls, o eu é “instancia, institución y estructura psíquica unificadora y totalizadora do aparato psíquico” (YO, 1995, p. 652). Segundo o mesmo autor, o eu é construído por meio de representações deixadas pelas experiências vividas e cresce por toda a vida, mas suas características principais são formadas nos primeiros anos.

O percurso de desenvolvimento do eu inicia-se com o autoerotismo, em que a libido está ligada às pulsões parciais de autoconservação,

e as primeiras satisfações sexuais são experimentadas pelas funções corporais. É um estado de anarquia pulsional, no qual o bebê não possui ainda uma imagem integrada de si.

Após, segue-se o período do narcisismo primário, no qual o bebê se confunde com o outro primordial, pois ainda não existe a diferenciação entre eu e não eu, ou seja, não existem relações de objeto. Nesse momento, o que existe é um ego incipiente, que, quando libidinizado, formará o ego ideal. Essa é a fase do narcisismo, um período entre o autoerotismo e o amor objetal, que é fundamental para a constituição do eu. Aqui o bebê precisa ser narcisizado pelos pais para formar uma noção unificada de si e, posteriormente, conseguir direcionar sua libido para os objetos.

Quando ocorre a transferência da libido do ego para os objetos, o bebê ingressa na esfera do narcisismo secundário, no qual gera a transformação do eu ideal em ideal de eu. Agora, existe o limite entre eu e não eu, e o bebê aprende que, para obter o objeto desejado e satisfazer suas necessidades, precisa lidar com a realidade e adiar sua satisfação, tolerar a ausência, a frustração. Aqui entra em cena o princípio da realidade, pois a satisfação não é mais alcançada pela via alucinatória do desejo, o que faz com que a criança abandone seus princípios de pensamento mágico e onipotente, desenvolvendo, assim, outros recursos psíquicos para lidar com seus desejos. O princípio da realidade passa a agir, e a criança precisa deixar seu trono de “majestade” para viver as relações objetais. Esse processo é feito gradualmente e abre caminho para os conflitos inerentes ao complexo de Édipo.

Nesse percurso da libido, o eu segue se constituindo e se afastando das aspirações narcisistas, deixando de *ser* o objeto para *ter* o objeto. Passa a desejar ser como um dos objetos e conquistar o outro, uma vez que ocorre a triangulação edípica. Com a dissolução do complexo de Édipo, a criança introjeta as leis sociais da realidade, tem seu superego constituído e busca outras vias para sua satisfação pulsional.

4 A RELAÇÃO EU-OUTRO NA PARANOIA

Após a retomada teórica inicial acerca da compreensão da paranoia na obra freudiana, bem como de aspectos relacionados à constituição do eu, chega o momento de explorarmos as especificidades da relação eu-outro no funcionamento dessa patologia. Essa relação tem a desconfiança como manifestação psíquica, uma vez que o eu paranoico se constituiu com falhas narcísicas que desencadeiam uma relação instável com o outro.

Desde o *Projeto para uma psicologia científica*, mesmo que com uma linguagem “neurológica”, Freud (1895a) aborda como se estabelece a relação do sujeito com o outro e a realidade. Quando produz esse texto, ele apresenta seu primeiro modelo de aparelho psíquico e demonstra o modo que, posteriormente, será concebido como o princípio de prazer; além disso, desenvolve ideias que explicam como se instala o princípio de realidade no psiquismo. Nesse texto, Freud trata a realidade externa, que se estabelece por meio de signos de realidade, como correlata da consciência e do mundo tal como este é absorvido com as experiências que são capturadas pela percepção. Sobre a definição da realidade nesse trabalho inicial da psicanálise, Luiz Alfredo Garcia-Roza (1991, p. 168) afirma: “[...] é precisamente a diferença entre o desejo e suas fantasias, por um lado, e o que apresenta como objeto de percepção, por outro, o que Freud está procurando estabelecer com os signos de realidade [...]”.

Ou seja, no período inicial da teoria, Freud já define a realidade com a característica do diferente e do faltoso com que o sujeito terá que lidar desde o início da vida. Nesse desencontro do desejo com a realidade externa, que frustra e ameaça, o eu irá se constituir. Desde o início, o eu primitivo é regido pelo princípio do prazer, introjeta o bom e projeta de si o mau, o intolerável. Assim, fica a questão: qual é a posição tomada pelo sujeito diante da realidade e de seus limites?

Em 1912, no seu trabalho sobre o caso Schreber, Freud apresenta uma explanação sobre o significado da fantasia de desejo homossexual na paranoia como uma fixação no estágio do narcisismo primário, localizado entre o autoerotismo e o amor de objeto. Segundo o autor, essa fase é marcada por um estado de “si-mesmo” e antecede a escolha de objeto heterossexual. Quando o desenvolvimento da libido avança em seu percurso, com a inibição da meta sexual, a pulsão homossexual é recalcada e conduzida a novos usos. Ela servirá de apoio às pulsões sociais (nutrindo e, quiçá, permitindo a amizade, bem como todas as vivências comunitárias).

Em 1924, no texto “A perda da realidade na neurose e na psicose”, Freud apresenta a hipótese de que tanto na neurose quanto na psicose, diante de uma privação externa, ocorre um nível de afastamento da realidade. Diante dessa constatação, ele afirma que, com a percepção de uma frustração externa, cada uma das estruturas construirá a sua maneira de lidar com o limite imposto. Assim, Freud (1924, p. 209) encerra o seu trabalho com a seguinte conclusão: “[...] tanto na neurose quanto na psicose interessa a questão não apenas relativa a uma perda da realidade, mas também a um substituto da realidade”.

O paranoico, no seu adoecimento narcísico, não consegue demarcar um lugar próprio por meio de um registro em que o outro não seja vivido como uma ameaça. O sofrimento psíquico, nesses casos, está ligado ao fato de tornar-se dependente do outro, por meio do qual necessita reconhecer-se e ser reconhecido. É como se buscasse a si mesmo no outro, e, quando o que encontra é divergente daquilo que espera, sente sua integridade ameaçada.

O paranoico quer investigar qual é o motivo, a intenção e o objetivo do outro. O ceticismo no plano lógico provém de fontes afetivas: decepção contra a confiança nos objetos primários e formação reativa vivenciada nas experiências posteriores de perigo e angústia.

5 EFÊMERA VISITA À LITERATURA

Por este mundo que nos abriga, ora penso que minha esposa é honesta, ora penso que não. Ora penso que tu és justo, ora penso que não. Preciso de provas. [...] Quisera ter satisfeita a minha curiosidade!

(William Shakespeare, *Otelo*)

Escapei ao agregado, escapei a minha mãe não indo ao quarto dela, mas não escapei a mim mesmo. Corri ao meu quarto, e entrei atrás de mim. Eu falava-me, eu perseguia-me, eu atirava-me à cama, e rolava comigo, e chorava, e abafava os soluços com a ponta do lençol.

(Machado de Assis, *Dom Casmurro*)

William Shakespeare (2001) nos trouxe *Otelo*, com o personagem homônimo, mais Desdêmona e Iago; Machado de Assis (2008) nos trouxe *Dom Casmurro*, com Bento, Capitu e Ezequiel — ambos os protagonistas entram em quadro delirante a partir de uma incitação externa do ciúme. O que diferencia o drama machadiano da obra inglesa é que Bentinho se fixa numa dúvida passional, da qual não consegue se desvencilhar, enquanto Otelo mata Desdêmona por aceder à certeza da traição: uma verdade fundada numa certeza delirante; eles trazem essas patologias do pensamento e seus impasses com os desejos inconscientes. As fantasias paranoicas são atuadas com a finalidade de afastar a fonte de angústia, expulsar o sentimento persecutório.

A grande questão posta por Machado — e que sobrevive até os dias atuais — é, justamente, o não saber se Bentinho criou um delírio ou não, dúvida que parece não existir na obra shakespeariana, que absolve a pudica mocinha desde as páginas iniciais. Essa questão abre a possibilidade de pensarmos o quanto, muitas vezes, aquilo que é tido como paranoia também pode ser, justamente, a sensação e/ou a

percepção do sujeito acerca de seu mundo interno cindido e projetado para o exterior.

Mesmo não sendo nosso objetivo, neste trabalho, mergulhar no apaixonante mundo literário (apesar de ele muito nos encantar), pensamos nessas duas obras, que, embora sejam associadas ao tema da paranoia, também nos encaminham para uma reflexão sobre o narcisismo das pequenas diferenças⁴ e contribuirão para nossa ideia de “de-sassociar” a paranoia a outros contextos como única e exclusivamente presente na estrutura psicótica. Assim, introduzimos a projeção como um mecanismo de certa forma comum ao funcionamento psíquico, mostrando a tendência de que o imperfeito ou o insuportável em nós seja sempre projetado em alguém da realidade, para que se possa, mesmo que em devaneio, imaginar que aquilo que não agrada não está em mim, mas no outro.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos perderemos entre monstros

Da nossa própria criação

Serão noites inteiras

Talvez por medo da escuridão

[...]

Será só imaginação?

Será que nada vai acontecer?

Será que é tudo isso em vão?

(Renato Russo, Eduardo Dutra Villa Lobos,
Marcelo Bonfá, “Será”)

4 Freud usa esse conceito em seu ensaio “O tabu da virgindade” (1917), em “Psicologia de grupo e análise do ego” (1921) e em *O mal-estar na civilização* (1930), e retoma o tema em *Moisés e o monoteísmo* (1939). Resumidamente, esse conceito traria a ideia de que são justamente as “pequenas diferenças” entre os sujeitos que, sob qualquer outro aspecto, seriam iguais; e isso formaria a égide dos sentimentos de estranheza e hostilidade entre eles.

Ao conceituar a pulsão, Freud diferencia o corpo libidinal do corpo anatômico e, assim, diz que o corpo seria o espaço onde os conflitos pulsionais acontecem. Considerando, então, o aspecto anatômico do corpo, podemos dizer que o arranjo se dá mediante investimentos libidinais mediados pela alteridade (nessa capacidade, esperada, de reconhecer o que é seu e o que é do outro). Lendo os textos freudianos sobre o tema, entendemos que a paranoia é caracterizada pelo mecanismo da projeção diante da alteridade: onde o eu, impossibilitado de se diferenciar do outro, já que não consegue absorvê-lo por via de processos identificatórios, recorrerá à projeção. Quando rompe radicalmente com a realidade, o eu não aceita o conteúdo da perseguição como seu, e o conteúdo psíquico não integrado retorna como delírio; sendo assim, esse outro permanecerá como um duplo idêntico ao próprio eu e não se reconhecerá no olhar do perseguidor.

Dessa forma, entendemos que a projeção atuaria, justamente, como a prova dramática de tentar expulsar do psiquismo qualquer possibilidade de alteridade preocupante ou ameaçadora; porém, esta volta como uma intimação externa, já que não consegue assimilar o duplo como semelhante. Isso acontece dentro do aparelho psíquico, não apenas numa estrutura psicótica, já que o delírio seria uma tentativa de cura do sujeito. A subjetividade se constitui na intersubjetividade.

Iniciamos este trabalho lembrando a psiquiatria vigente no início da psicanálise e o quanto, ainda hoje, a paranoia fica ligada apenas a uma patologia grave. Revisitando o caso Schreber, compreendemos que Freud tentou dar um novo e importante destino ao delírio ao dizer que ele (delírio) era amado pelo sujeito tanto quanto ele próprio. Ao amar (e manter) o delírio, a pessoa não apenas se defenderia de uma desintegração psicótica (quando fosse o caso, dada a sua estrutura), mas buscaria achar uma saída para lidar com a situação que se apresenta.

O mergulho na teoria freudiana, com exemplos clínicos e da literatura, ampliou nosso pensamento acerca do tema, propiciando que

pensássemos e repensássemos a relação das pessoas com a realidade: em determinados momentos da vida, qualquer pessoa pode vir a sentir-se ameaçada, reagindo paranoicamente em um momento ou outro... Quem não tem grandes dúvidas em momentos transitórios? Assim, fica a ideia da existência de relações paranoicas que não têm a ver, única e exclusivamente, com uma estrutura psicótica; trata-se de um *funcionamento* paranoico em situações nas quais o eu fica tomado, transitoriamente, pelo objeto – e percebe-se vulnerável⁵. Essas situações de ameaça de perda do outro, em que a repercussão parece ser a ameaça da perda de si mesmo, poderiam sugerir algo mais narcísico do que propriamente psicótico; assim, podemos pensar que a forma como o eu reagirá a elas, a resposta que esse eu dará à realidade, dependerá do investimento narcísico inicial⁶.

Ainda, no próprio texto clássico de 1911, “Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental”, Freud diz claramente que a própria neurose teria como resultado, e até mesmo como propósito, arrebatando a pessoa da vida real, afastando-a da realidade, com o objetivo de evitar um grande desprazer e, por consequência, um gasto de energia. Nesse trabalho, Freud dá a entender que o princípio de realidade estaria ao préstimo do princípio do prazer e que faria qualquer

5 Reproduzimos aqui uma fala de Otelo, atormentado pelas dúvidas a respeito da traição ou não de Desdêmona, questionando-se se o “amigo” é sincero ou não... nela aparecem outras questões que o fazem duvidar de si mesmo: “Talvez porque sou negro, e não tenho em mim aquelas partes suaves do diálogo que têm os galanteadores, ou talvez porque já me encontro no outono da maturidade [...]” (SHAKESPEARE, 2001, p. 90). Pensamos na questão do racismo e no etarismo... questões que também parecem ser agentes de uma “paranoia situacional”, fomentada pelo ódio de Iago, bem como pelas inseguranças de Otelo, promovidas pelos preconceitos já presentes na época. Cabe citar também que, logo após matar Desdêmona, o protagonista, desesperado pela culpa, tira a própria vida depois de dizer: “Que nada fique atenuado, mas que se esclareça também que não houve dolo. Depois os senhores devem mencionar este que amou demais, com sabedoria de menos; este que não se deixava levar por sentimentos de ciúme, mas, deixando-se levar por artimanhas alheias, chegou ao extremo de uma mente desnorteada [...]” (SHAKESPEARE, 2001, p. 167).

6 Segundo Lores Pedro Meller, o eu poderá responder de diferentes formas às frustrações narcísicas apresentadas pela realidade. Caso seja um psiquismo marcado pela *Ververfung* (forclusão), produzirá um delírio, ou seja, uma manifestação psicótica; se for um psiquismo constituído pela *Verdrängung* (recalque), produzirá produtos como sonhos, sintomas ou pensamentos (Conversa por telefone com as autoras, Porto Alegre, 6 jun. 2023).

coisa para proteger o sujeito de insatisfações desnecessárias, “renunciando a um prazer momentâneo, de consequências inseguras, apenas para alcançar pelo novo caminho um prazer ulterior seguro”, nem que o custo disso seja arrancar o sujeito da realidade (FREUD, 1911, p. 242).

Importante destacar que, após esse profundo percurso teórico, compreendemos com maior clareza que as fantasias do sujeito em questão se referem à busca de identificação, e não a uma escolha objetual. Isso faz uma grande diferença, pois, quando se entende que se trata de fantasias homossexuais, e não de uma escolha de objeto, nem de longe se associa a homossexualidade à paranoia. O paranoico tem uma patologia do pensamento na qual o ódio ocupa a cena central.

Por fim – e, de certa forma, já criando conteúdo para um novo aprofundamento teórico –, surge a ideia de que a paranoia propriamente dita estaria associada a uma *unicidade objetual*: como se o sujeito estivesse preso, hierarquicamente, a um único objeto, sem enxergar possibilidades de sobreviver separadamente dele e de ir atrás de outro. Essa impossibilidade impediria o sujeito de desenvolver a capacidade de reparar e/ou trocar de objeto, como se este não pudesse ser modificado, seja com a entrada de novos objetos, seja com a chance de ele tornar-se mais forte. Mas essas ideias ficarão para um próximo momento: coisas da escrita, bem como da vida, ambas inesgotáveis em suas possibilidades e caminhos.

REFERÊNCIAS

ASSIS, M. **Dom Casmurro**. São Paulo: Escala Educacional, 2008.

FREUD, S. (1895a). Projeto para uma psicologia científica. In: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 347-454. (Edição standard brasileira, 1).

FREUD, S. (1895b). Rascunho H – Paranoia. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 253-258. (Edição standard brasileira, 1).

FREUD, S. (1896). Rascunho K – As neuroses de defesa. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 267-270. (Edição standard brasileira, 1).

FREUD, S. (1911). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 237-244. (Edição standard brasileira, 12).

FREUD, S. (1912). Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (*dementia paranoides*) descrito com base em dados autobiográficos (caso Schreber). *In*: FREUD, S. **Histórias clínicas**: cinco casos paradigmáticos da clínica psicanalítica. Tradução: Tito Lívio Cruz Romão. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. p. 539-626.

FREUD, S. (1915). Um caso de paranoia que contraria a teoria psicanalítica da doença. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 271-279. (Edição standard brasileira, 14).

FREUD, S. (1917). O tabu da virgindade. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 201-215. (Edição standard brasileira, 11).

FREUD, S. (1921). Psicologia de grupo e análise do ego. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 81-154. (Edição standard brasileira, 18).

FREUD, S. (1922). Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranoia e no homossexualismo. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 237-247. (Edição standard brasileira, 18).

FREUD, S. (1924). A perda da realidade na neurose e na psicose. *In*: FREUD,

S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 205-209. (Edição standard brasileira, 19).

FREUD, S. (1930). O mal-estar na civilização. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 73-148. (Edição standard brasileira, 21).

FREUD, S. (1939). Moisés e o monoteísmo. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 18-150. (Edição standard brasileira, 23).

GARCIA-ROZA, L. A. O projeto de 1895. *In*: GARCIA-ROZA, L. A. **Sobre as afasias (1981), O projeto de 1895**. Rio de Janeiro: Zahar, 1991. p. 164-170. (Introdução à metapsicologia freudiana, 1).

SHAKESPEARE, W. **Otelo**. Tradução: Beatriz Viégas-Faria. Porto Alegre: L&PM, 2001.

VILLA LOBOS, E. D.; RUSSO, R.; BONFÁ, M. **Será**. Belo Horizonte: Música começa com letras, c2023. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/legiao-urbana/46977/>. Acesso em: 10 jun. 2023.

YO. *In*: VALLS, J. L. **Diccionario freudiano**. Madri: Editora Julián Yébenes, 1995. p. 651-662.

Paranoia: a reflection

ABSTRACT

Psychoanalysis has taken a new perspective on the psychotic when it states that the delirium would be an attempt to heal the subject, and not just a deflection of reason, as it was thought by psychiatrists in the 19th century. Considering this assumption, we believe that besides the psychotic structure, the paranoid manifestations might happen in any kind of structure. Having this in mind, we resume the issue of paranoia according to the Freudian theory, as well as the construction of the ego and the relationship between subject and the other. At the end, we present some considerations about the specificity of the psychic dynamic in this pathology, which we have analyzed in a broad manner.

Keywords: Psychoanalysis. Paranoia. Self. Reality.

Recebido em 13/06/2023

Aceito em 11/09/2023